

Delegado
13/5/98 10
683

PF alerta: MST prepara invasão de floresta

Reunião hoje, com participação do Exército, decidirá estratégia contra ocupações

Leandro Fortes

Enviado especial

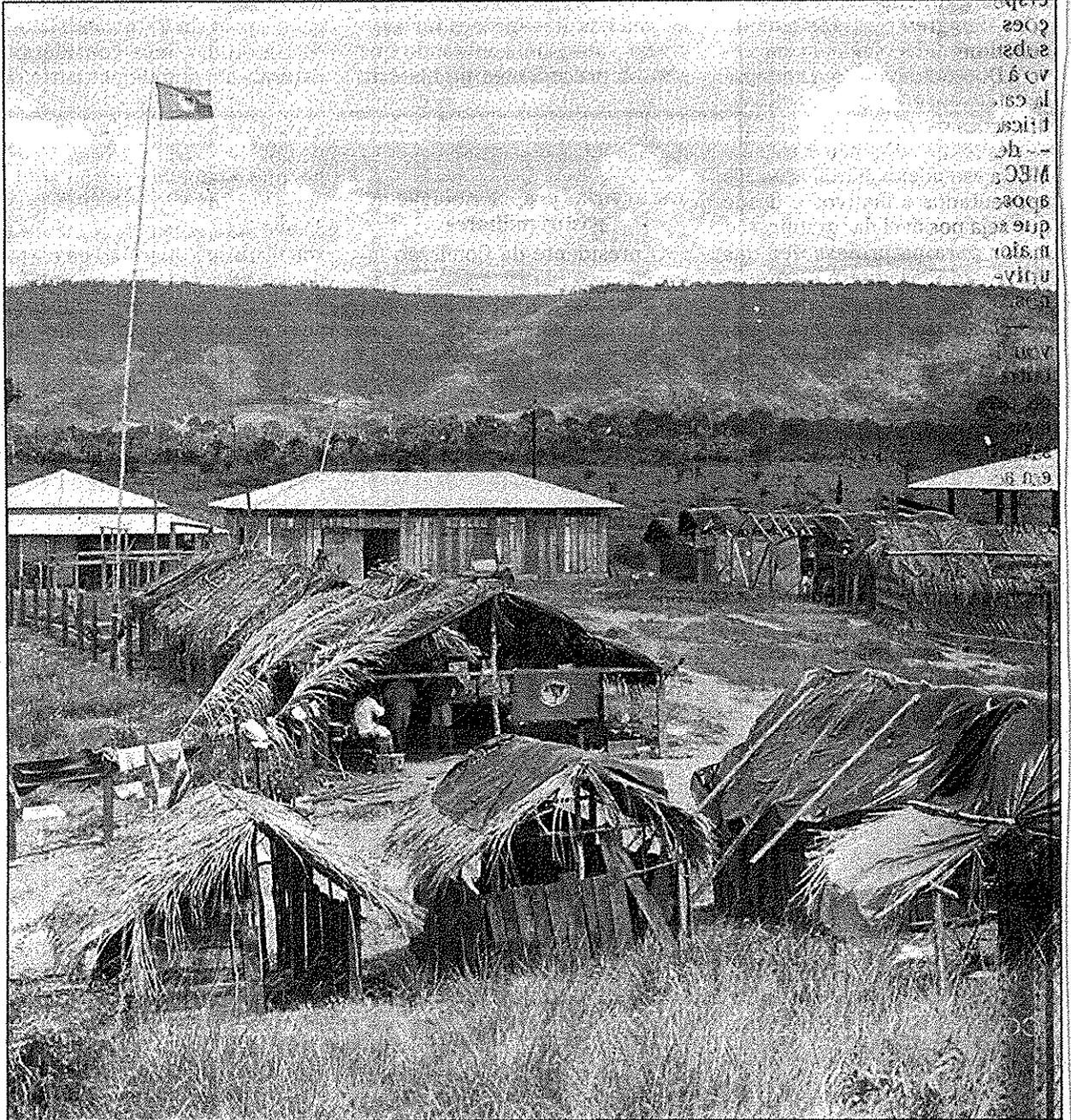
• MARABÁ (PA). O Governo federal inicia hoje sua maior ofensiva contra a política de invasões de propriedades do MST no Sul do Pará. Uma reunião, hoje de manhã, na 23ª Brigada de Infantaria de Selva (BIS) de Marabá vai decidir uma estratégia única para os muitos órgãos federais envolvidos com o problema, que passarão a ser coordenados pelo Exército. A Polícia Federal tem um relatório, que será apresentado hoje, acusando o MST de estar preparando a ocupação da Floresta Nacional do Carajás, uma área de 411 mil hectares onde só a Companhia Vale do Rio Doce, mesmo privatizada, tem direito de explorar. O MST nega a intenção e acusa o Governo de estar tentando forçar a desocupação de fazendas tomadas pelos sem-terra próximas à floresta.

Segundo o relatório da PF, é a terceira vez que o MST prepara a invasão do chamado Cinturão Verde do Sul do Pará, onde está a única floresta nativa contígua da região. A invasão da Fazenda Goiás II, em 14 de março passado, de acordo com a PF, foi um ato preparatório do MST para, a partir de agora, planejar a ocupação da Floresta Nacional do Carajás. Foi na Goiás II que, em 26 de março, fazendeiros armados executaram a tiros os líderes do MST Onalício Araújo Barros, o Fusquinha, e Valentim da Silva Serra, o Doutor. O principal acusado do crime é o dono da Goiás II, Carlos Antônio da Costa, que chegou a ser preso preventivamente mas acabou sendo solto pela Justiça do Pará por força de um habeas corpus. Outros oito envolvidos no crime jamais foram localizados pela polícia paraense.

MST alega que sequer tem gente para fazer ocupação

O MST argumenta que não pretende invadir a floresta e, mesmo que quisesse, não teria gente para fazê-lo. Em 14 de março, quando os sem-terra entraram na Goiás II, havia 521 famílias mobilizadas na área. Segundo Vandilson dos Santos, o Parazinho, o principal líder do MST hoje na região, esse número caiu para 258 famílias, sendo que só 96 ficaram na fazenda, garantindo a posse provisória do local. Como os sem-terra não têm garantias de que poderão ficar na fazenda, foi estabelecido um esquema de revezamento com trabalhadores já assentados em uma área próxima, conhecida por Palmares, de onde vieram Fusquinha e Doutor.

— Com as execuções patroci-



UM ACAMPAMENTO DO MST perto da Floresta Nacional do Carajás, área de 411 mil hectares explorada pela Vale

nadas pelos fazendeiros, muitas famílias decidiram fugir daqui. Para os que ficaram, porém, a ocupação da fazenda é uma questão de honra. Estamos todos ameaçados de morte, mas prontos para derramar sangue se for preciso — avisou Parazinho.

O Exército decidiu manter efetivos nas duas áreas — Palmares e Goiás II — para evitar novos conflitos, mas o MST tomou suas próprias precauções. A estrada que liga Parauapebas (município onde ficam as fazendas) a Goiás II, por exemplo, tem vigilância feita por militares e sem-terra. Próximo a Goiás II foram colocadas várias toras de madeira na estrada e os sem-terra mantêm uma guarita de observação no alto de uma colina. Ninguém entra na Goiás II sem antes se identificar para Vandilson dos Santos. Segundo ele, o rodízio tem garantido, além de abastecimento de comida na área ocupada, troca de informações sobre a movimentação de policiais e militares pela

região.

A Sociedade Paraense de Defesa de Direitos Humanos (SPDDH), a mais importante ONG instalada no Sul do Pará, calcula que o MST tem disponibilidade de arremeter pouco mais de mil famílias na região para realizar uma grande ocupação, contando com as 600 famílias que estão em Tukurui, a 480 quilômetros de Parauapebas. Para o advogado Carlos Amaral Júnior, coordenador da SPDDH em Marabá, o MST conseguiria ficar, no máximo, de três a quatro horas no Cinturão Verde antes de ser expulso pela polícia local. Amaral afirmou que uma invasão do porte da que a PF está imaginando teria que ser feita por, no mínimo, três mil famílias — ou 15 mil pessoas. Em junho de 94, duas mil famílias de sem-terra invadiram o Cinturão Verde, mas conseguiram resistir por apenas três dias.

— Essa desconfiança da PF não tem fundamento — disse Carlos Amaral Júnior.

O delegado Adolfo Raquel Machado, superintendente da PF em Marabá, faz outros cálculos. Segundo ele, o MST tem capacidade para mobilizar, em 24 horas, de duas mil a três mil pessoas, o suficiente, para Machado, para ocupar parte da Floresta Nacional do Carajás. Segundo ele, essa região — historicamente uma área de domínio da Vale do Rio Doce — sempre atraiu o MST por causa da terra preta, excelente para agricultura, e das madeiras nobres. O delegado acredita que essa briga toda seja apenas uma "jogada imobiliária": sem-terra interessados em ganhar essas propriedades para, daqui a algum tempo, vendê-las a peso de ouro. Machado alega querer evitar a invasão da floresta, também, para preservar o meio ambiente, tanto que já tem em mãos a Decisão 357-9/97, da Justiça Federal do Pará, ordenando que os líderes do MST local sejam avisados de que, entrando na floresta, estarão cometendo crime ambiental.

Roberto Stuckert Filho